



As frases sem texto

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 200 p. ISBN 978-85-7934-083-3

Andre William Alves de Assis^{1*} e Raquel Tiemi Masuda Mareco²

¹Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. ²Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: assis.awa@gmail.com

O livro *Frases sem texto* de Dominique Maingueneau, professor da *Université Paris-Sorbonne* (Paris IV), foi originalmente publicado em 2012 na França com o título *Les phases sans textes*. Traduzida por Sírio Possenti et al. para o português, é uma obra ainda pouco conhecida no Brasil. Os 12 capítulos que compreendem a obra trazem textos de Maingueneau que abordam noções diversas, perpassando conceitos como citação, sobreasseveração, aforizações, hiperenunciador, dentre outros, ampliando-os em análises de *corpus* composto, em sua maioria, de materiais da mídia francesa. As discussões têm como objeto principal o fenômeno das pequenas frases.

Logo no início do primeiro capítulo, *Enunciado destacável, enunciado destacado*, Maingueneau afirma, enfaticamente, que não basta observar que uma frase foi destacada de um texto; para ele, é necessário observar como essa frase se apresentava antes de seu destacamento. O autor aborda o conceito de 'sobreasseveração', considerado neste trabalho como a tentativa do enunciador antecipar um destacamento. Essa prática, afirma o autor, não é recente. Pode ser observada desde textos clássicos, como o excerto de *Misanthropo* de Molière (MAINGUENEAU, 2014, p. 13-14), a publicações/gêneros mais atuais/corriqueiros, como as publicidades e os debates políticos. O conceito de sobreasseveração não tinha sido aprofundado em trabalhos anteriores e, ao nosso ver, é um dos avanços deste livro. Em Maingueneau (2008, 2010), por exemplo, sobreasseverar era um conceito dúbio que poderia ser compreendido de diferentes formas pelos pesquisadores, sobretudo por sua similaridade/aproximação ao conceito de aforização. Ao especificar essa noção já no capítulo 1, o autor contribui para a compreensão dos processos de 'destacabilidade' e de 'destextualização', que explicam a prática da sobreasseveração, de 'saída do texto'.

As alterações realizadas nessas retomadas em enunciados que foram, ou não, sobreasseverados compreendem o tema do segundo capítulo do livro, *A enunciação aforizante*. Para Maingueneau, nada impede o destaque de uma sequência de texto que não foi sobreasseverada. Nesse sentido, nada impede que locutores se tornem, constantemente na mídia, sobreasseveradores involuntários de enunciados que não produziram. As alterações que se evidenciam entre um enunciado proferido por um locutor e o destacado pela máquina midiática podem ser observadas em 'destacamentos fracos', pela proximidade com o texto-fonte (uma entrevista em uma página de revista que destaca uma fala, por exemplo); ou ser dificultada em 'destacamentos fortes', em que o destaque não é contíguo ao texto fonte, impossibilitando o seu acesso (uma notícia de jornal impresso que retome uma fala proferida em um debate político, por exemplo). Ao abordar a noção de 'enunciação aforizante', Maingueneau agrupa, em um plano enunciativo, as 'aforizações primárias' (provérbios, adágios, slogans, máximas), desprovidas de um texto fonte, e as 'aforizações secundárias', resultado de destacamento de textos fonte para compor outros textos. Essa distinção entre aforizações primárias e secundárias não é histórica e, sim, contextual. Aliás, o contexto de acolhida de uma aforização, assevera Maingueneau, é o que define se se trata de uma aforização primária ou secundária. O autor privilegia no livro essas aforizações secundárias, oriundas ou não de sobreasseverações, frases que são retomadas por um processo de destacamento de texto, rotina permanente nas mídias ao evocar acontecimentos sociais.

Como evocação, as aforizações secundárias retomam enunciados atestados; as aforizações primárias retomam um já-dito. Em muitos casos, o uso das aspas é o que diferencia os dois estatutos, afirma Maingueneau em *A cena da aforização*, terceiro

capítulo do livro. Nesse capítulo, o autor considera o uso das ‘aspas’ fundamental para atestar a existência das aforizações, além de contribuir, em alguns gêneros, para a construção da ‘cena da enunciação’. O ‘aforizador’, que surge de uma lógica de citação, não cumpre o papel de quem fala para um destinatário específico, restringido pelo gênero do discurso; pelo contrário, ele se dirige a um auditório que não pretende intervir na enunciação, não compreende o mesmo plano enunciativo. Exemplo disso é abordado na publicidade do banco *BNP PARIBAS* (MAINGUENEAU, 2014, p. 35), em que se apresenta um enunciado generalizante que confere ao banco o estatuto de aforizador. O aforizador de enunciados destacados de um texto carece de um nome próprio; em geral, o que é destacado pela mídia provém de indivíduos famosos (atores, políticos, celebridades) que se tornam autoridades efêmeras a respeito daquilo que enunciam. Na mídia, geralmente, o aforizador é representado por uma foto de rosto, que funciona como uma assinatura e favorece seu reconhecimento como *subjectum*. Contudo, Maingueneau deixa claro que a apropriação de rosto não exclui a possibilidade de existência de aforizadores coletivos, casos como os dos partidos políticos, de empresas, de um casal etc. Em Maingueneau (2010), o autor abordou brevemente o conceito de aforizador. Naquele momento, ele priorizou sistematizar os processos de sobreasseveração e de aforização, de forma bastante breve no capítulo um, em que poderíamos compreender o surgimento de um aforizador. No livro em tela, Maingueneau define o aforizador como uma confluência entre sujeito da enunciação e sujeito jurídico/moral, um *subjectum*.

Ampliando a discussão das frases sem texto, Maingueneau questiona, no capítulo quatro, *Aforização, frase, texto*, se uma unidade inferior à frase poderia se constituir como aforização. Em busca de respostas, analisa grupos nominais (frases com predicados não verbais). Propõe, dessa forma, denominar enunciados como ‘Ousada, anticonvencional, viva a ninguém deixa indiferente’, que pode ser um título de um blog ou de uma notícia, como ‘aforizações-eco’: não se trata de enunciados que retomam uma fala, um responsável; são frases não verbais que se apresentam com características de uma aforização prévia completa. Embora o autor reconheça que a aforização (primária/secundária) seja uma frase, ele considera que o que a caracteriza, fundamentalmente, é a tensão existente entre ela e a lógica do texto, instituindo enunciados autônomos. Não há essa tensão nas aforizações-eco, em que o destaque intenta, de forma geral, apenas atrair a atenção do

leitor por meio de enunciados inscritos no contexto enunciativo, por isso são interpretados como predicados. A partir do momento em que uma sequência de texto é retomada como aforização em um texto, considerado por Maingueneau como manifestação de um gênero de discurso, ela passa a constituir um bloco, que pode ser reconhecido também como ‘sentenças’, ‘palavras’, ou, como atualmente denominam os profissionais da comunicação na França, ‘aforizações’ ou ‘pequenas frases’. Essas pequenas frases podem ser mais ou menos prototípicas (fortes), conforme acumulem índices textuais (que assegurem sua concisão), lexicais (escolhas verbais), aspectuais (que as generalizem), sintáticos e prosódicos (ritmo) e semânticos (presença de tropos), garantindo sua retomada, sua circulação no espaço público.

No quinto capítulo, *Thesaurus e comunidade*, Maingueneau aborda a noção de ‘hiperenunciador’ ao tratar do surgimento de um sistema que ele denomina ‘participação’. Ao contrário das aforizações secundárias, as participações (palavra que mistura aforização e citação) correspondem às aforizações primárias. Ocorre participação, de acordo com Maingueneau, quando o enunciado: pode ser memorizado e se apresenta de forma autônoma; não é marcado como citação, sua fonte é oculta; é generalizante e pertence a uma memória coletiva (um thesaurus); implica um hiperenunciador que a valide. O hiperenunciador e as participações não tinham sido aproximadas à noção de aforização em Maingueneau (2004), em uma publicação na revista *Langages*. Em Maingueneau (2014), a aproximação entre aforização e hiperenunciador é considerada inevitável. Candidatas ideais à participação, a maioria das aforizações é proveniente de ‘aforizações sentenciosas’, tais como os provérbios e os adágios jurídicos. Além dessas aforizações sentenciosas, o autor problematiza as ‘participações de grupo’ (slogan militante, canto de torcedores, gritos e frases de uma manifestação) que permitem, por meio das enunciações, a fusão imaginária de grupos (estáveis ou transitórios) em um enunciador coletivo; o caso dos ‘slogans comerciais’, que não se referem a uma instância, mas a uma marca; e as ‘participações escriturais’, frases célebres atribuídas a personagens marcantes, escritores, filósofos etc.

O autor inicia o sexto capítulo, intitulado *A fala sentenciosa*, considerando que as aforizações secundárias são inseparáveis de algumas práticas pertencentes a algumas comunidades, podendo permanecer durante muito tempo ou serem bastante efêmeras. No exemplo de *Montaigne* (MAINGUENEAU, 2014, p. 84), em que há um encadeamento de quatro sobreasseverações,

Maingueneau retoma o conceito de participação e explica que esse tipo de citação está intimamente relacionado à 'sobrasseveração sentenciosa'. Autores como *Montaigne* são considerados como uma espécie de 'intermediador', pois ao mesmo tempo em que citam aforizações consagradas, também produzem sobrasseverações que são aforizações em potencial. O próprio contexto de uma obra como essa, assim como os enunciados nela inscritos, tendem a ser sentenciosos, permitindo sua dissipação. Há, para Maingueneau, um jogo permanente entre a aforização e a destacabilidade, que pode ser observado em práticas de construção e em retomadas de coletâneas, de fichas de homens letrados, de sentenças do teatro clássico, e outros que agrupam sentenças, colecionam, servindo, muitas vezes, para uma meditação (reflexão), ou mesmo de base para novas produções.

Saindo do campo dos enunciados primários, em *As 'pequenas frases'*, sétimo capítulo do livro, Maingueneau dá destaque às 'pequenas frases' que se tornam base de comentários diversos na sociedade e adquirem estatutos diversos, como títulos de notícias de jornais ou de páginas de internet, frases em legendas de programas de TV, mensagens de *twitter*, título de vídeo no *youtube* etc. O autor apresenta, como exemplos de pequenas frases, os enunciados 'Que vergonha, Barack Obama', proferido por Hillary Clinton durante as eleições presidenciais americanas em 2008, e 'Obama é jovem, bonito e bronzeado' (MAINGUENEAU, 2014, p. 100), dito por Silvio Berlusconi em 2008. Consideradas como efêmeras, essas pequenas frases são derrapadas, deslizes que se multiplicam no espaço social dia após dia. Tratando-as como 'panaforizações', Maingueneau observa nessa prática um processo pandêmico de aforização que, em um determinado momento, estão tão disseminadas na sociedade. Essa pandemia de pequenas frases permeia toda a mídia, sendo, por vezes, traduzidas e repetidas em outros idiomas. Para o autor, a panaforização é orquestrada pela máquina midiática, por isso é difícil não se questionar sobre o porquê de seu sucesso, que pode advir de fatores distintos, como coerções enunciativas e coerções ideológicas dessa maquinaria.

No início do capítulo oito, *Interpretar as aforizações*, Maingueneau explica que a interpretação de enunciados destacados de um texto varia de acordo com o enquadramento que lhe é dado. Dessa forma, o intérprete é obrigado a construir uma alteridade, que pode (às vezes) ser observada no enunciado. É assim que a mídia faz circular pontos de vista próprios em vez de falas dos aforizadores. Nessa linha de raciocínio, Maingueneau apresenta diferentes tipos possíveis de enquadramentos e seus funcionamentos discursivos na mídia: 'enquadre

informativo', que visa a um fazer-saber sob um conhecimento partilhado que valida a enunciação; um 'enquadre testemunhal', que pretende anular a dimensão informativa a favor de uma convicção, emoção ou experiência; um 'enquadre acional', que é encenada por um ator (social, político etc.) e pretende mudar uma situação. Esses três enquadres são exemplos abundantes na imprensa escrita e podem ser sintetizados como 'regimes de atualidade'. Oposto a esse regime, Maingueneau observa um 'regime memorial', apreendidos pelos 'enquadramentos histórico', em que a aforização é inerente à narrativa, e 'sapiencial', em que a aforização é um ponto de vista. Todos esses enquadramentos, acrescenta o autor, correspondem a diversas figuras prototípicas de aforizador e a diferentes cenas que funcionam como fundo para a aforização.

Aforização e enigma, nono capítulo do livro, retoma e aprofunda a diferenciação entre os regimes de atualidade e memorial, enfocando o 'enquadramento hermenêutico'. Esse enquadre abarca aforizações marcadas pelo uso de tropos (metáforas, paradoxos etc.), cuja autoridade é reconhecida pelos membros de uma comunidade. Maingueneau assevera que o locutor que se utiliza da fala do outro (como o jornalista) deve, também, apropriar-se do contexto de origem dessas falas, para que os membros de uma comunidade aceitem sua interpretação. O autor apresenta alguns procedimentos de apropriação de enunciados, dentre os quais destaca o uso de figuras de linguagem (metáforas, paradoxos), o uso de palavras de alguém considerado como 'Mestre', que podem ser acumulados para garantir o caráter enigmático da aforização. Em exemplos de aforizações de frases célebres, o autor propõe uma discussão em torno das diferenças entre a situação de enunciação primeira e a de suas aforizações, em casos como 'I have a dream' (eu tenho um sonho) de Martin Luther King, que sai de um momento enunciativo específico e passa a ser retomado, inserido em outras cenas, dirigir-se a outros públicos, a outras comunidades. Nessa discussão, destaca-se a figura do 'aforizador enigmático' que, segundo o autor, é um sujeito que "[...] está na fronteira do indizível, em contato com o absoluto" (MAINGUENEAU, 2014, p. 147).

Interpretações de aforizações em dissertações escolares é o tema que inicia o décimo capítulo, *O universo escolar*. Segundo o autor, para que uma aforização seja selecionada como tema deve apresentar-se como enigmática, sem permitir uma abertura muito ampla das possibilidades de sentido para que não ocorra uma descontextualização. Ao abordar o discurso e as aforizações literárias, o autor explica que é comum a utilização de aforizações

destacadas de um texto como temas de dissertação. Quando isso ocorre, a construção da interpretação dessas aforizações constitui uma argumentação que passa a ser parte integrante do exercício de escrita. No caso de aforizações autônomas, o autor adverte que é impossível limitar seu potencial semântico, pois elas não mantêm nenhum vínculo como texto-fonte. Entretanto, ao escrever uma dissertação, é preciso apoiar-se em uma interpretação estabilizada para que o argumento construído seja mais facilmente aceito. Maingueneau também aborda nesse capítulo a noção de fórmula filosófica, diferenciando o *thesaurus* literário do filosófico. Este último, cujo caráter é mais polêmico, mantém uma relação privilegiada com a aforização sentenciosa que, por sua vez, permite condensar tudo, ou parte da doutrina à qual se refere o fragmento.

Em *No limiar do texto*, décimo primeiro capítulo do livro, Maingueneau se propõe a analisar sermões da época clássica e epígrafes. Para o autor, as aforizações são inseridas no início dos textos que compõem esse gênero, portanto são a entrada do texto. No discurso religioso (aquele que tem como fonte de sabedoria um livro), muitas aforizações já são bastante conhecidas e repetidas, como as apresentadas em sermões. No entanto, para Maingueneau, os indivíduos são capazes de tecer comentários de uma sequência que não possui características de uma aforização prototípica, o que evidencia a força da inspiração do orador e a força do texto. Já no caso das epígrafes, as aforizações não emergem do texto, elas funcionam como um ornamento. Ao utilizar uma epígrafe em um livro, como o exemplo retirado da Poética de Aristóteles, “O homem [...] é o mais mimético (mimetikotaton) de todos os animais e é pela mimese (diá mimesios) que ele adquire os primeiros conhecimentos”. (MAINGUENEAU, 2014, p. 168), pressiona-se o leitor a postular que há um sentido entre a epígrafe selecionada (que condensa uma doutrina) e o livro. O leitor é assim responsável por construir essa relação.

Enunciação e Anunciação é o último capítulo do livro. Nele, Maingueneau retoma questões relacionadas à aforização para abordar a noção de ‘autoria’. Em Maingueneau (2010), o autor propôs subdividir autoria em três níveis: autor responsável, autor-ator e auctor. Em Maingueneau (2014), o autor centra sua análise na acepção de ‘autor reconhecido por uma obra’, o ‘auctor’. Assim como o aforizador, o auctor se institui pela interferência de terceiros, que operam o desligamento de seus enunciados em relação aos gêneros. Dessa forma, se lemos nas ‘Obras completas’ de *Molière*

(MAINGUENEAU, 2014, p. 163), de *Jane Austen* ou de *H. von Kleist* as cartas que eles escreveram para seus editores, não as lemos como pertencentes a certo gênero, mas como fragmentos da obra dessas autoridades da literatura. Para Maingueneau, há uma mudança de estatuto, pois ao ser inserido em uma obra, o texto passa a ser lido como uma expressão de um sujeito singular, e não como um gênero. Aforizador e auctor libertam-se, portanto, da lei que limita o lugar da fala ao lugar da enunciação do texto e do gênero. O auctor se liberta dessas leis, convertendo os fragmentos de uma unidade superior à obra, enquanto o aforizador se liberta no sentido contrário: o texto se desfaz em aforizações. Essas aforizações pertencem ao regime das ‘enunciações desatadas’.

Como foi possível observar, o funcionamento discursivo de frases sem textos é amplamente analisado pelo autor, que dá maior destaque aos enunciados destacados de um texto, sem deixar de explorar também as aforizações primárias em suas análises. Embora traga avanços e um aprofundamento teórico sobre as frases sem texto que circulam nas mídias, o percurso de leitura exige um conhecimento prévio a respeito dos conceitos reunidos no livro. Certamente, esta será uma obra bastante visitada por linguistas e por profissionais da comunicação, haja vista que a grande quantidade de conceitos agrupados para análise do funcionamento das pequenas frases na mídia possibilita análises consistentes de novas problemáticas discursivas.

Referências

- MAINGUENEAU, D. Hyperénonciateur et ‘participation’. *Langages*, v. 38, n. 156, p. 111-126, 2004.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Organizado por Sírío Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organizado por Sírío Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução de Sírío Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Received on October 10, 2014.

Accepted on March 24, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.